

**Cliente:** Richet Medicina & Diagnóstico – Dr. Helio Magarinos T. Filho

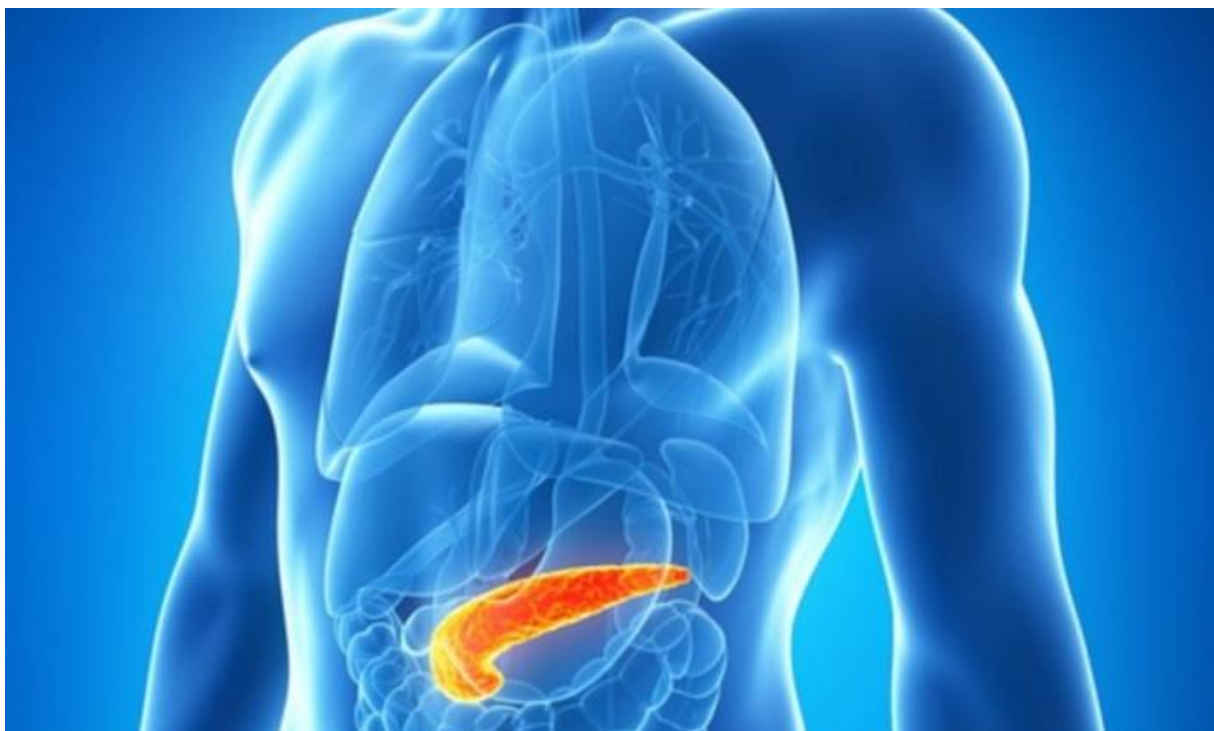
**Veículo:** Jornal O Sul Online

**Data:** 21/05/2019

**Coluna/Editoria:** Saúde



## Medicina avança contra câncer de pâncreas, um dos que mais matam



*Estudo brasileiro mostra melhora no prognóstico da cirurgia. (Foto: Reprodução)*

📁 Capa – Você viu, Notícias, Saúde

Tumores de pâncreas não são tão comuns – somam 2% de todas as neoplasias diagnosticadas no Brasil –, mas são especialmente letais: apenas 1 a cada 10 pessoas permanece viva cinco anos após o diagnóstico, de acordo com estatísticas americanas. No caso do câncer de mama, por exemplo, esse índice é de 9 em cada 10.

Uma das razões para esse dado devastador da doença pancreática é a dificuldade de diagnosticá-la; outra é a resposta insatisfatória ao tratamento, seja ele cirúrgico, quimioterápico ou radioterapêutico. Pesquisas recentes, porém, dão boas notícias em ambas as fronteiras.

# CONTE<sup>X</sup>TO

Na área de tratamento, médicos do A.C. Camargo Cancer Center mostraram num trabalho publicado no *Journal of Surgical Oncology* que a cirurgia pode ser uma boa alternativa (quando o caso permite) e que a expectativa de sobrevida após cinco anos, antes calculada em cerca de 25%, pode estar aumentando.

Foram analisados 739 casos de câncer de pâncreas diagnosticados entre 2008 e 2016 em pacientes que passaram pela instituição em algum momento. Desse total, 177 foram operados, e 30,5% dessas pessoas estavam vivas após cinco anos. Para aqueles operados no próprio hospital, o resultado foi um pouco melhor: 33,8% de sobrevida após cinco anos.

Todos os pacientes cujo tumor não podia ser operado ou que já estava em metástase (estágio avançado, em que o câncer se espalha pelo corpo) já haviam morrido cinco anos depois. A maior parte dos casos de câncer de pâncreas se dá em pessoas acima dos 60 anos e, no caso da amostra do A.C. Camargo, 40% dos pacientes tinham diabetes e 53% tinham histórico familiar de câncer (mas só 4,8% de câncer de pâncreas especificamente). Cerca de metade já tinha metástases.

Ainda assim, os pacientes metastáticos viveram cerca de nove meses, mais do que o quádruplo do observado em estudos mais antigos. Isso representa um indício da evolução de outros tratamentos, como os de quimioterapia e radioterapia.

Apesar de o avanço global não ser tão grande, os pesquisadores são otimistas quanto ao futuro. “Esses dados, de certa forma, desmontam a tese de que o câncer de pâncreas não tem soluções terapêuticas”, disse Felipe Coimbra, coordenador do estudo. Para ele, conhecer as peculiaridades de cada paciente permite promover um tratamento personalizado e ainda mais efetivo. Outra trincheira da guerra contra o câncer de pâncreas é o diagnóstico. Grande parte dos casos só são tão graves por causa da dificuldade de detecção.

“Na maioria dos casos, a doença segue com poucos ou nenhum sintoma e só dá sinais quando já se encontra em estágios mais avançados. Outro fator é que não existem ainda testes eficazes para a detecção de tumores em estágios iniciais. Os que se encontram disponíveis são pouco sensíveis, e geralmente os marcadores só apresentam-se elevados com a doença já em estágio avançado”, destacou Helio Magarinos Torres Filho, membro da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e Medicina Laboratorial.

Um estudo publicado neste ano na revista *Clinical Cancer Research* aponta melhora no cenário. Hoje, cerca de 40% dos casos de câncer de pâncreas podem ser detectados a partir do biomarcador CA19-9. Outros casos dependem de exames de imagem ou biópsias, por exemplo, já que nem sempre as células tumorais produzem essa molécula.

A nova pesquisa, conduzida por cientistas do Instituto Van Adel, em Michigan (EUA), e de outras instituições americanas, propõe o uso de um outro marcador, o sTRA, outra molécula que às vezes é produzida pelas células tumorais, em conjunto com o CA19-9. Juntos, os dois marcadores podem detectar corretamente o câncer em 65% dos casos, sem prejudicar a especificidade, ou seja, a identificação correta de resultados negativos. Os experimentos foram feitos com 147 amostras de plasma humano.

# CONTEXTO

“Existe hoje grande interesse da comunidade científica na pesquisa de métodos mais eficazes para a detecção precoce deste tipo de tumor. Entretanto, até o momento, não temos um marcador robusto que seja usado na prática clínica”, afirmou Torres Filho, que não participou do estudo. O método desenvolvido pelos cientistas americanos ainda deve ser aperfeiçoado no futuro com o uso de mais marcadores, especulam os autores no artigo.

<http://www.osul.com.br/a-medicina-avanca-contr-o-cancer-de-pancreas-um-dos-que-mais-matam/>